



## Ficção de Pessoa Política Real: formas de consumo simbólico da política em romances imaginados entre Lula e Bolsonaro

*Real Political Person Fictions: symbolic consumption of politics in imagined romances between Lula and Bolsonaro*

Eliza Bachega Casadei <sup>a,\*</sup> 

**RESUMO:** O presente artigo tem como objeto de estudos as Ficções de Pessoa Política Real (FPPR) – contos produzidos em fóruns de fanfics por escritores amadores que tem como principal característica a inserção de representantes de cargos públicos reais em universos ficcionais paralelos. Serão estudadas, especificamente, três produções que imaginam um romance entre Lula e Bolsonaro com o propósito de discutir como essas ações midiáticas engendram formas específicas de consumo simbólico da política. A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de Linha Francesa, a análise observará os aspectos discursivos em comum nessas três produções e o que elas revelam em termos de consumo de discursos mediados e formas de consumo da política contemporânea.

**Palavras-chave:** Fanfics; Ficções de Pessoa Política Real; Discurso; Política.

**ABSTRACT:** This article has as study object Real Political Person Fictions – short stories produced in fanfics forums produced by amateurs writers whose main characteristic is the insertion of real representatives of public offices in parallel fictional universes. We will study, specifically, three productions that imagine a romance between Lula and Bolsonaro in order to discuss how these media actions engender specific forms of symbolic consumption of politics. Based on the theoretical-methodological assumptions of French Discourse Analysis, we will observe the discursive aspects in common in these three productions and observe what they reveal in terms of consumption of mediated discourses and forms of consumption of contemporary politics.

**Keywords:** Fanfics; Real Political Person Fictions; Discourse; Policy.

---

<sup>a</sup> Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas do Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, Brasil.

\* Correspondência para/Correspondence to: Eliza Bachega Casadei. E-mail: elizacasadei@yahoo.com.br.

Recebido em/Received: 11/07/2023; Aprovado em/Approved: 16/10/2023.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

## INTRODUÇÃO

De repente, descobre-se que Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro não são adversários políticos: em verdade, eles são amantes que cultivam um relacionamento homoerótico carregado de tensões, lascívia e segredos. Embora pareça absurdo, esse enredo foi imaginado por um número significativo de produções ficcionais produzidas por escritores amadores e divulgadas em comunidades de fandoms nos últimos anos. Elas fazem parte de um subgênero específico de fanfic – as Ficções de Pessoa Política Real (FPPR) – que tem como principal característica a inserção de representantes de cargos públicos reais em universos ficcionais paralelos. Em um contexto em que os ativismos de fãs na política se tornaram um fenômeno relevante, tais narrativas são significativas sobre as formas a partir das quais a cultura participa do exercício do consumo simbólico da política em um contexto de radicalização intensa.

Como bem nos lembra Amaral et alii (2015, p. 142), os ativismos de fãs são definidos ora como “uma forma de mobilização social (...), ora como participação política” que revelam a importância das relações entre fãs, entretenimento e afetividades políticas. Tais produções problematizam “a suposta divisão entre os mundos do consumo e da cidadania na medida em que formas de ativismo político vêm sendo visibilizadas graças à aprendizagem com práticas de consumo da cultura popular”. Não é por acaso, portanto, que, há muito tempo, uma série de produções de fãs, de diferentes tipos e abordagens, esteve relacionada a assuntos políticos – desde a inserção de personagens da cultura popular (como Harry Potter e Star Wars) em problemáticas políticas; até a narrativização de celebridades pop e pessoas públicas em universos políticos paralelos; ou o engajamento de fãs em fóruns públicos relacionados a assuntos políticos. Assim, “a ‘cultura dos fãs’ tem muito a dizer sobre a participação política e o exercício da cidadania” (Amaral et alii 2015, p. 143) e são produções significativas sobre a forma como as pessoas se engajam afetivamente com as questões públicas.

As produções literárias que retratam o romance entre Lula e Bolsonaro, contudo, parecem carregar aspectos específicos desse tipo de participação política, na medida em que ironizam as aparições públicas dos dois candidatos (explicitamente colocando as divergências políticas como questões falsas e de fachada) e propõem um jogo com os símbolos comumente carregados por essas figuras públicas. O que, afinal, essas produções literárias e comunicacionais nos dizem sobre o modo como se articulam os afetos políticos na cultura política contemporânea? Ao propor um desafio ao regime semiótico alvitado pelos dois candidatos na esfera pública, a que essas narrativas literárias convidam os seus leitores em termos de consumo simbólico da política?

A partir desses questionamentos, o presente artigo tem como objetivo discutir como produções literárias de fãs que imaginam um romance entre Lula e Bolsonaro engendram formas específicas de consumo simbólico da política. Para isso, foram escolhidas três produções de fanfics publicadas na plataforma Wattpad que serão analisadas a partir dos pressupostos metodológicos da Análise de Discurso de Linha Francesa (Maingueneau 2005). A análise busca quais são as estratégias discursivas que

se repetem e quais os discursos sobre política que são mediados nesses produtos. Com isso, a proposta é aprofundar o debate sobre os afetos políticos mediados nas práticas literárias de fãs e sobre os modos como os sujeitos são convocados midiaticamente para um consumo simbólico da política a partir de discursos que coadunam um imaginário de resistência a discursos conservadores e contraditórios.

## DESENVOLVIMENTO

São numerosas as práticas de *fandoms* existentes. Esse artigo aborda, especificamente, as *fanfics* (diminutivo de *fan fiction*), definidas como contos escritos por fãs. As *fanfics* possuem três gêneros principais: *gen*, *het* e *slash*:

*Gen*, referente a *general*, são contos gerais, sem nenhum envolvimento afetivo entre os personagens. *Het* são histórias com romances heterossexuais e, por fim, a *slash fanfic*, envolvendo pessoas do mesmo sexo. Além da classificação principal, de *gen*, *het*, *slash*, as *fanfics* podem ser continuações das histórias originais, convencionais, denominadas *canon*, ou então são contos do tipo *fanon*, histórias criadas por fãs, as quais se tornaram tão populares que são consideradas do mesmo nível das originais (Amaral et alii 2015, p. 147).

Os romances são recorrentes nas histórias dos fãs. No gênero *slash*, objeto do artigo, utiliza-se o termo *shipper*: “*shippar* um casal é a prática de torcer para que ele fique junto no fim da história” e os casais são usualmente retratados por “nomes abreviados, ou separados por barras (*slash* em inglês, daí o nome *slash fanfic*); por exemplo: K/S (Kirk e Spock, de Star Trek)” (Amaral et alii 2015, p. 147) ou Lulonaro e Bolsolula (no caso das narrativas sobre Lula e Bolsonaro).

Além dessas divisões maiores, encontra-se também alguns subgêneros. Nesse artigo, aborda-se o Real Person Fics (RPF) – ou, em tradução literal “Ficções de Pessoa Real” (FPR). Trata-se de produções caracterizadas por serem produzidas por uma determinada comunidade de fãs que utilizam uma pessoa real – geralmente uma celebridade (atores, cantores ou políticos) – como personagem de uma narrativa ficcional. O gênero, portanto, engendra narrativas com “personagens que são a interseção de personas públicas conhecidas” com seus “eus privados desconhecidos, especulados ou fantasiados” (Piper 2015, s.p.). Assim como em outros gêneros de *fã-ficções*, os autores utilizam espaços discursivos deixados em aberto pela narrativa-cânone para criar outras histórias – seja ao imaginar cenários completamente alternativos, seja ao ampliar histórias que são de conhecimento público. O texto cânone, nesse caso, é formado pela matéria-prima fornecida por fragmentos presentes nas mídias de massa (como notícias, documentários, redes sociais e biografias) para criar, a partir desses pedaços, uma narrativa alternativa acerca de uma pessoa real (Garrido e Lima 2020). A persona pública, portanto, “é vista por alguns escritores de fãs como uma mercadoria construída que está prontamente disponível para adaptação ficcional, assim como qualquer outro texto de mídia que apresenta personagens fictícios” (Piper 2015, s.p.).

Outra característica importante do gênero FPR é que as histórias normalmente apresentam personagens tipificadas, “de forma que passagem de pessoa real para personagem ficcional só é possível porque essas celebridades são reduzidas a tipos, são simplificadas a estereótipos mais consumíveis pela cultura fã: o bonito, o romântico, o engraçado, o *bad boy*” (Garrido e Lima 2020). A maior parte das produções de gênero são sobre músicos, com prevalência das *boybands* – até mesmo porque esse gênero musical já midiaticiza personagens-celebridades facilmente tipificáveis. Assim, são criadas histórias ficcionalizadas sobre pessoas reais, em um exercício imaginativo de cenários e situações em que essas celebridades estão inseridas. São numerosas as RPFs de Universos Alternativos, em que os personagens reais ficcionalizados vivem uma vida diferente como pessoas anônimas, por exemplo.

Há, assim, no gênero RTF, a pressuposição de um jogo imaginativo para que sejam revelados momentos privados especulados por detrás dos registros públicos (Piper 2015).

Embora configure um número menor de produções, também se encontra inúmeras fã-ficções de pessoa real que tem personalidades políticas como personagens principais. Winter (2020) define essas produções como um subgênero - Ficção de Pessoa Política Real (FPPR) – que se caracteriza por basear-se nas identidades midiaticizadas públicas de políticos, “usando suas aparições na mídia, atividade de mídia social e plataformas de campanha para fornecer os textos de origem, ou ‘cânone’, da ficção”. Assim, “da mesma forma que os escritores de *fanfiction* que retratam personagens fictícios, os escritores de FPPR preenchem as personas tipicamente unidimensionais de figuras políticas e, como uma comunidade, atribuem características favoráveis ou não a diferentes candidatos” (Winter 2020, s.p.). É evidente, nessas produções, a sobreposição entre política e entretenimento, na urdidura de aspectos da cultura das celebridades ao consumo da cultura política.

Ao contrário de outras produções midiáticas que também utilizam celebridades políticas como matéria-prima (tais como séries e filmes sobre eventos históricos ou documentários sobre personalidades públicas), há no FPPR um contrato comunicacional (Charaudeau 2006) explícito sobre a ficcionalidade das situações retratadas. A partir do pressuposto de que o contrato de comunicação diz respeito às características discursivas de uma situação comunicacional que estabelecem um acordo tácito entre produtor e receptor sobre quais são as condições de produção daquele discurso (“uma espécie de acordo prévio” descrito por restrições “linguageiras” (Charaudeau 2006, p. 65) sobre como essas produções são entendidas), é evidente, para os leitores dessas histórias, que elas são ficcionais. Não obstante isso, para McManus (2020), esse tipo de narrativa tornou-se uma parte importante do modo como algumas pessoas processam momentos relevantes da vida política coletiva, em especial por fazer parte de uma estratégia a partir da qual as narrativas hegemônicas são, ao menos no plano da ficção, contrapostas por histórias outras – inclusive, sugerindo um imaginário de resistência.

Embora esse tipo de produção seja comumente associado a um público infanto-juvenil, para Kosnik (2017, p. 270), não se pode infantilizar o potencial de um tipo de mídia que convida os fãs a um envolvimento emocional maior com a política e que “transforma a esfera do mundo real seco, maçante, remoto e abstrato da política em um universo excitante e convidativo à participação”. Esse tipo de história pode engendrar conexões emocionais mais amplas com candidatos e políticos, como também promover a articulação de narrativas morais que mostram heróis e vilões que devem ser apoiados ou rejeitados (Winter 2020). Também para Reinhard *et alii* (2022), observar a política pelas lentes do *fandom* é importante para entender o papel do afeto na política. Posto que os afetos são elementos motivadores – e parte fundamental do jogo democrático – “a ativação afetiva e o envolvimento da comunidade que ela promove são o mecanismo motriz de todos os *fandoms*, independentemente dos ‘objetos de afeto’ específicos em torno dos quais eles se unem”, sejam eles afetos positivos ou tóxicos (Reinhardt *et alii* 2022, p. 1152). Os *fandoms* são, portanto, importantes motivadores para a ação política.

Embora não estejam inseridos nos circuitos tradicionais de exercício da política – como a participação em sindicatos ou nas instâncias deliberativas comunitárias ou mesmo no ato do voto – esse tipo de produção literária está vinculado a certos tipos de consumo simbólico da política. Por consumo simbólico da política, entendemos o consumo de instâncias comunicacionais que medeiam valores e princípios relacionados à política, bem como ideologias e modos de vivência das práticas políticas. Trata-se, portanto, de consumir instâncias comunicacionais onde é possível consumir uma cultura política, com seus valores, ideologias e rituais de validação próprios.

As narrativas literárias, para Carrascoza (2020, p. 220), são exemplos de consumo simbólico da política. Elas podem ser definidas como “a existência transformada em algo sensível”, de forma que são capazes de transmutar “a empatia (pathos), o sensível modelado pelo autor e reconhecido pelo consumidor de arte em seu processo de decodificação interpretativa”. Embora possa haver discussões sobre a qualidade literária das FPPRs, elas engendram narrativas que transformam a experiência política em algo sensível e, assim, “a comunhão de sentimentos” (Carrascoza 2020, p. 221) em uma comunidade política imaginada.

Se o sensível e a articulação de afetos é um elemento importante das FPPRs, percebe-se que boa parte dessas histórias são carregadas de sentimentos viscerais, muitas vezes, apinhadas de representações carnavalescas, grotescas, pornográficas ou violentas. Não é incomum que “os fãs se valham dessas narrativas no desenvolvimento de suas ficções, estendendo e modificando as caracterizações de políticos específicos” (Winter 2020, s.p.). Uma parte significativa das ficções dessa subcultura é do gênero *slash*, “comunidade que se concentra na atração interpessoal e sexual entre personagens do mesmo sexo” (Garrido e Lima 2020, p. 1301) – no caso, entre políticos e, não raro, políticos que se apresentam como adversários na esfera pública. Rowley (2017), por exemplo, estuda *fanfics* produzidas no contexto das eleições norte-americanas de 2016 que narrativizavam um romance entre Donald Trump e Vladimir Putin, com diversas referências pornográficas. Para o autor, a tipificação de Putin como

macho-alfa foi utilizada, nessas estórias, “como contraste para as representações de Donald Trump” e as “imagens pornográficas” foram utilizadas “para satirizá-lo tanto como homem quanto como líder político” (Rowley 2017, p. 381).

Em um contexto brasileiro, ganhou projeção a *fanfic* política intitulada *Doutrinando um Bolsominion: Quando o amor venceu o ódio*, escrita por um autor cujo nome artístico é Blame PT. A história circulou durante alguns meses de 2022 em fóruns de *fandoms* e, desde 2023, está disponível para venda em sites de livrarias tradicionais, em versão e-book. A sinopse do livro é:

‘Se quiser só levar uns tapas, é melhor procurar outro. Por que eu vou tirar o bolsominion que existe em você e arregaçar ele, valeu?’ Sérgio vai até o clube BDSM de Leon, o Doutrinador comunista, sem imaginar que sairia de lá com mais do que um vídeo para seu canal conservador de finanças. O que começa como curiosidade evolui para uma paixão que se torna perigosa à medida que a noiva de Sérgio e os cunhados milicianos dele desconfiam de sua traição aos valores do Mito.

Hot de humor e paródia política. Os personagens e acontecimentos descritos a seguir são totalmente ficcionais. Qualquer semelhança com pessoas ou eventos reais é mera coincidência.

Todos os lucros dos três primeiros meses de lançamento serão destinados às Cozinhas Solidárias do MTST e à Casa Nem do Rio de Janeiro.

Em grande parte dessas produções *slash* de FPPRs, as narrativas eróticas articuladas não têm como proposta, necessariamente, a excitação do leitor, mas sim, a mediação de um posicionamento político. Os vieses ideológicos das histórias são claramente expostos, sem espaço para muitas ambiguidades, e a narrativa trabalha a favor da mobilização de apoio a um personagem.

Existe uma gama de estudos que debatem o imaginário de resistência que permeia a produção da ficção política de *slash*, especialmente quando inserida em ambientes políticos e sociais homofóbicos. Nesse viés interpretativo, os fóruns de fã-ficções que retratam atos sexuais entre parceiros do mesmo sexo são entendidos como um espaço de troca de experiências privilegiado, em que os membros da comunidade encontram espaço para debater suas vivências e experiências em um ambiente seguro. Assim, narrativas *slash* são “tipicamente interpretadas como uma forma de os fãs afirmarem a escolha individual e o *self* acima do socialmente normativo (...), como uma forma vital de protesto e resistência ou uma prática infrapolítica” (Rajagopalan 2015, s.p.). A partir dessa interpretação, o retrato ficcional de Bolsonaro como um personagem homossexual, também sugere uma ideia de rejeição e resistência às falas públicas homofóbicas do político, ao ironizá-las (ainda que em um universo ficcional).

Para Rajagopalan (2015), contudo, essa interpretação mais imediata precisa ser colocada no interior de um debate pós-socialista a partir do qual há um isolamento dessas subculturas juvenis de seus contextos sociais, de forma que enquadrar as comunidades *slash* como subculturas necessariamente resistentes pode mais esconder do que revelar. Isso porque é necessário observar como essas narrativas se inserem no

contexto político e social mais amplo, bem como o modo como elas estão articuladas à cotidianidade e às discussões públicas.

As narrativas *slash* também carregam potencialmente discursos contraditórios ou abertamente preconceituosos, ainda que revestidos de crítica política. Certas narrativas sobre resistência também podem carregar discursos conservadores e autoritários que se legitimam socialmente. Também é possível notar, em produções do gênero, o fortalecimento de posições contrademocráticas na representação de tópicos politicamente sensíveis, que alimentam extremismos políticos.

As histórias de *fanfic* que articulam um romance entre Lula e Bolsonaro – presentes em muitos fóruns como *Wattpad*, *Spirit Fanfiction* e *Fanfics Brasil* – em sua maioria, possuem um mesmo tipo de enredo, com pequenas variações: os dois políticos, que antes se odiavam, percebem que compartilham uma paixão escondida, lutam um pouco contra seus sentimentos e, no final, rendem-se à paixão e, muitas vezes, se casam. Nos próximos tópicos, serão analisadas algumas características discursivas de algumas dessas produções, com o objetivo de discutir como está articulado o consumo simbólico da política nessas narrativas literárias de fãs em três produções específicas, detalhadas no próximo tópico.

### **Lulanaro e Bolsolula: composição do corpus e procedimentos metodológicos**

Dentre as várias plataformas de divulgação de *fanfics*, escolhemos a *Wattpad* para o recolhimento do corpus. Trata-se de uma plataforma fundada em 2006, no Canadá, que tem alcance mundial e publica histórias de autores de várias nacionalidades. Há uma produção extensa de autores brasileiros de diferentes gêneros. A plataforma foi escolhida em virtude da grande quantidade de estórias que citam Lula e Bolsonaro.

No site *Wattpad*, a busca pelo termo “Bolsonaro” gera mais de 1.300 resultados e, pela palavra “Lula”, em torno de 9.600 – o que revela a importância do fenômeno de Ficção de Pessoa Política Real no Brasil. A busca pelos termos “Lula” e “Bolsonaro” gera 617 resultados e a busca pelos termos “Lula”, “Bolsonaro” e “amor” tem 336 resultados, apenas nesse site. Dentre estes resultados, é possível encontrar títulos como: “Lula e Bolsonaro, um Amor Corrupto”; “Lula e Bolsonaro: o Amor Impossível”; “Lula e Bolsonaro – Uma História de Amor Verdadeiro”, “Lulanaro: um amor sem limites”; “Bolsonaro e Lula: o amor que quebra padrões”; “Bolsolula – Partidos não separam Amores”; “Entre Quatro Paredes”; “Amor entre Rivais”; “Sempre vou te Querer”, entre outros. Muitos desses títulos estão marcados com censura 18+, indicando conteúdo erótico.

Para critério de escolha das estórias a serem analisadas, procurou-se na busca do *Wattpad* a *hashtag* #Lulanaro (*shipper* de Lula e Bolsonaro) – que retornou 179 resultados. Destes, foram separados apenas as histórias completas<sup>1</sup> (55 resultados) e,

---

<sup>1</sup> No *Wattpad* é possível encontrar histórias que não estão completas ou que ainda estão em desenvolvimento.

depois, as dez narrativas com o maior número de leitores. Por fim, foram sorteadas três dessas histórias. A partir desses critérios, os livros selecionados foram: “Lulanaro, um amor sem limites”<sup>2</sup> (com 163 mil leitores); “Saga Bolsolula”<sup>3</sup> (com 13.8 mil leitores); e “Lula e Bolsonaro: um amor corrupto” (com 3.5 mil leitores).

Como aporte metodológico, recorre-se à Análise do Discurso de Linha Francesa, com o objetivo de analisar as características discursivas que se repetem nas obras analisadas (Maingueneau 2005). Esse arsenal metodológico permite entender os cruzamentos entre discursos que atravessam essas produções, bem como investigar as formações discursivas que engendram relações de poder e sistemas sociais de conhecimento e crença. Serão observados os discursos e as estratégias discursivas que se entrecruzam nas três narrativas estudadas, bem como o modo como isso se materializa em termos de consumo simbólico da política.

## **Análise:**

### ***Desafio a um regime semiótico dominante***

As obras analisadas são bastante diferentes entre si e possuem muitas características particulares. Na presente análise, contudo, o foco está nos atributos discursivos que elas possuem em comum, especialmente relacionados aos discursos políticos.

Dentre eles, é possível notar que as três histórias propõem a reconstituição discursiva do *ethos* que é comumente midiaticizado quando se retrata Lula ou Bolsonaro. Se, na esfera pública, são inúmeras as falas e expressões homofóbicas de Jair Bolsonaro, nas histórias, ele é retratado como um personagem que se apaixona e se relaciona sexualmente com outros homens. Se, nas notícias, os políticos aparecem retratados como adversários políticos, nas narrativas desses escritores amadores, Lula e Bolsonaro nutrem uma paixão erótica um pelo outro. Assim, como é comum no gênero de FPPR de *slash*, há nas narrativas estudadas a representação “de um eu privado ficcionalizado ou especulado” (Piper 2015, s.p.), de forma que a narrativa cânone das representações midiaticizadas dos políticos é ressemiotizada nas histórias contadas.

O enredo de “Lulanaro, um amor sem limites”, publicado em capítulos entre agosto de 2018 e janeiro de 2020, conta que “após perder seu dedinho em uma festa, Lula se vê sem motivos para viver, isolado e sem dedo para fazer promessas e proteger o mundo do mal, Lula é isolado em um aquário feminista. Mas ele não esperava que Jair Bolsonaro tivesse encontrado o dedinho e estivesse disposto a devolvê-lo, a qualquer custo”. Já a “Saga Bolsolula”, composta entre agosto de 2019 e agosto de 2022, traz, em sua descrição, “uma biografia não autorizada deste momento conturbado da história da política brasileira. E o motivo é um, o AMOR proibido de um político”. Por

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.wattpad.com/story/159307079-lulanaro-um-amor-sem-limites>. Acesso em 26/05/2023.

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.wattpad.com/story/183545276-saga-bolsolula>. Acesso em 26/05/2023.

fim, “Lula e Bolsonaro: um amor corrupto”, publicado entre 19 e 23 de fevereiro de 2023, narra que “Lula e Bolsonaro se conhecem e acabam se apaixonando, dando início a um relacionamento criminoso”.

Com enredos simples – e, em muitos trechos, com narrativas desconexas e confusas – as três histórias propõem uma recontextualização ficcional de momentos públicos (Piper 2015) dos dois políticos. Nessas histórias, o desafio a um regime semiótico dominante é constituído a partir da “criação temporária de uma situação em que signos, mensagens e narrativas são colocados em jogo”. Isso provoca “a substituição de uma mensagem por outra, a imposição de um conjunto de signos alternativos no lugar dos dominantes” (Kosnik 2017, p. 275). Ambos os políticos são ironizados a partir da perspectiva de que a imagem pública atribuída a eles deve ser entendida como mera fachada.

Para Hamon (1976) o personagem nunca aparece em um único golpe nas narrativas: ela surge como um morfema vazio que vai definindo seu sentido progressivamente. “A determinação da ‘informação’ da personagem, representada na cena do texto pelo nome próprio e seus substitutos, faz-se em geral progressivamente. A primeira aparição de um nome próprio (...) introduz no texto uma espécie de ‘branco’ semântico: quem é este ‘eu’ que toma a palavra?” (Hamon 1976, p. 90). Lula e Bolsonaro, nessas narrativas, são também construídos progressivamente, pelo discurso. Embora eles sejam pessoas que existem fora do universo ficcional, o conteúdo atribuído a eles nas histórias só faz sentido no interior da própria narrativa, no ato da enunciação. Assim, “antes de designar objetos reais, indicam precisamente *que a linguagem tem lugar*. Eles permitem, deste modo, referir-se (...) ao próprio evento *da linguagem*, no interior do qual unicamente algo pode ser significado” (Agamben 2006, p. 43). Eles são construídos, nessas histórias, *no e pelo* discurso.

Embora sejam personalidades públicas –os nomes Lula e Bolsonaro já carregam sentidos dados previamente, bem como atributos e expectativas de conhecimento geral – a urdidura de enredo composta só faz sentido no próprio ato enunciativo – afinal, é apenas nesse espaço ficcional que um romance entre os dois acontece. E esse ato enunciativo é marcado, em seu contrato comunicacional, pela expectativa de um jogo, de uma brincadeira com os signos públicos. Em outros termos, por uma possibilidade e por um ato de *profanação* desses signos públicos.

A profanação, para Agamben (2007), pode ser definida como o que está em oposto ao sagrado, como o ato que, tal como os jogos, brinca com esse lugar do sagrado e restitui as coisas ao livre uso dos homens. “Profanar significa abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência que ignora a separação” entre as coisas sagradas e as de uso comum “ou melhor, faz dela um uso particular” (Agamben 2007, p. 59). Se os jogos institucionalizados de poder presidencial são entendidos como sagrados, a partir da perspectiva de que não está disponível para o uso comum dos homens, mas sim, como obra de especialistas, esse tipo de obra de fanfic profana os significados tradicionais da política presidencial ao restituir a política a um uso cotidiano, banal. “Depois de ter sido profanado, o que estava indisponível e separado perde sua aura e acaba restituído

ao uso” (Agamben 2007, p. 61). O *ethos* dos políticos, no caso de Lula e Bolsonaro, no interior do discurso das *fanfics* analisadas, são profanados, são postos como signos que ironizáveis e, de certos modos, sacrificados. “Os filólogos não cansam de ficar surpreendidos com o dúplice e contraditório significado que o verbo *profanare* parece ter em latim: por um lado, tornar profano, por outro - em acepção atestada só em poucos casos - sacrificar” (Agamben 2007, p. 61). As imagens públicas dos dois candidatos colocam-se a favor de um sacrifício, de uma reorganização, em desafio ao regime semiótico dominante. Isso se torna ainda mais evidente no interior de uma narrativa erótica que tem, no contrato comunicacional estabelecido por essas histórias particulares, uma intencionalidade de provocação, de picardia.

Na perspectiva de um consumo simbólico da política, isso tem implicações interessantes posto que, para Agamben (2007), tanto a sacralidade quanto a profanação são atos políticos e envolvem a construção de lugares de poder. “Embora ambas as operações sejam políticas, a primeira tem a ver com o exercício do poder, o que é assegurado remetendo-o a um modelo sagrado”. Já, na profanação, há o desativamento dos “dispositivos de poder” posto que “devolve ao uso comum os espaços que ele havia confiscado” (Agamben 2007, p. 61).

Ao profanar o *ethos* público de Lula e Bolsonaro, há a perspectiva de um discurso de resistência, que remete a uma ideologia de restituição da política a um uso livre. Trata-se, ainda que de uma forma ingênua, de uma maneira de criar afetividades vinculadas à profanação do poder como movimento emancipatório – de propor outras sensibilidades para o entendimento público da própria política.

Articulado a esse discurso desafiador e rebelde (ou, em outros termos, profanatório), é possível encontrar outras configurações que remetem a discursos autoritários, contrademocráticos ou preconceituosos. É esse aspecto que iremos observar nos próximos tópicos.

### **Cenas de sexo e discursos sobre sexualidade**

Dentre as muitas questões que podem ser analisadas nas narrativas estudadas, as cenas que retratam o ato sexual oferecem indícios importantes sobre aspectos discursivos problemáticos articulados a propostas afetivas de consumo simbólico da política.

Em “Lulanaro, um amor sem limites”, o dedo perdido de Lula é retratado como um objeto erótico importante para o personagem Bolsonaro. Em vários trechos, ele (e outros personagens) coloca o item no ânus. Bolsonaro também é retratado em encontros sexuais com outros homens, normalmente como personagem passivo, tal como é exposto na transcrição a seguir:

JAIR

Estava caminhando nas ruas quando vi um homem vestido de papai noel correndo por aí, puxei ele e vi que tinha uma coisa brilhando no seu cu. Achei que era ouro e arranquei de lá, mas era apenas um dedinho.

\_ ASSÉÉÉÉÉDIO – papai noel começou a gritar e a polícia aparece, me prendendo.

\_ Pela 70ª vez, Bolsonaro?

\_ É melhor Jair se acostumando k k k – Ele me bate.

Devolva meu dedo – Um homem lindo se aproxima de mim, ele estava em um corpo de Lula.

Acordo.

Eu estava em uma cela, e de lá eu consegui ver um homem roxo que estava pelado.

\_ Que falta de modos! – digo.

Ele me bate com a sua rola. \_ Olha aqui meu parça, quem manda nessa merda sou eu. Você vai ter que me obedecer.

Suspiro e tiro o dedo do meu bolso, observando.

\_ Esse é o dedo do Lula?

\_ Eu sei lá porra!

Ele me bate de novo.

\_ Como você conseguiu o dedo sagrado? Há anos todos tentam roubar!

\_ Eu só enfiei o dedo no cu do papai noel e peguei. – Dou de ombros. Ele dá um sorriso e sai, mas antes diz \_Devolva isso a ele, se não estaremos em perigo.

Em outra cena, Bolsonaro encontra Pablo Vittar e diz: “Eu não sou gay, vagabunda! – paro de beijar o policial e arranco o pau do pablo enfiando no meu cu e saio voando da cadeia indo em busca do meu amor”. Em outro momento, Bolsonaro propõe virar escravo sexual de Lula:

\_ Quer ser meu escravo sexual?

\_ Sim, Ludaddy – mordo meus lábios carnudos e lambo olhando pra ele.

O dedinho de Lula começa a subir. Ele não tem pau?

Embora a qualidade literária da história seja bastante questionável, lembramos que se trata de uma história lida por mais de 163 mil usuários.

Nas outras duas histórias, as cenas eróticas são também bastante presentes. Em ambos os livros, Bolsonaro aparece no papel passivo, sendo penetrado por Lula ou por outros homens. Em “Lula e Bolsonaro, um amor corrupto”, Bolsonaro é um personagem masoquista que, frequentemente, apanha de Lula (personagem dominador). Em um dos trechos, em que Lula abandona o relacionamento romântico, é possível ler:

Bolsonaro: \_Como assim, você se preocupava comigo, você er-meu deus! E aqueles socos cheios de tesão e amor que você me dava? Todas as vezes que você me penetrou com seu enorme pênis? Tudo aquilo era mentira?

Lula: \_Sim, Bolsonaro, eu nunca deixei de te odiar, mas admito que eu gostava de te comer...

Na “Saga Bolsolula”, Bolsonaro também é penetrado por diferentes homens como, por exemplo, na cena a seguir:

\_ Você é muito mandão, Bolsinho, vou estocar o meu peru em você para aprender a deixar de ser mandão – disse Pedro.

\_ Mete logo, não tô aguentando o meu cu coçando! Mas sem gemer como mulherzinha, aqui é coisa de macho, nada de viadagem! – Disse Jair sentando na rola.

O retrato de Bolsonaro no papel passivo, portanto, é um elemento recorrente nas representações estudadas e, explicitamente, é uma estratégia narrativa utilizada para ironizar as falas homofóbicas do candidato. A partir da pesquisa realizada, não é possível afirmar que essa seja uma constante narrativa em todas as *fanfics* que retratam um romance entre os dois políticos. A recorrência nessas três histórias, contudo, não deixa de ser significativa. Não obstante o fato de que a apropriação debochada da ênfase em que o político afirma não ser gay (e, ainda assim, ser penetrado por outros homens) sugerir uma ridicularização de sua figura pública em um imaginário de oposição à sua atuação política, outras perspectivas podem ser analisadas, sob o ponto de vista do discurso articulado.

A pesquisa de Dashiell (2023), tem como objeto de estudo as conversas que ocorrem durante o ato da penetração anal em filmes pornográficos de sexo entre homens. Para o autor, esse tipo de conversação representa uma espécie de trilha sonora hegemônica entre os parceiros, de forma que, nos filmes analisados por ele, o parceiro insertivo/ativo é sempre o líder e o foco do ato. Assim, “a interação reflete a noção de um intercâmbio patriarcal que serve como música de fundo, reconhecida implicitamente pelo espectador” (Dashiell 2023, p. 20) – em conformidade com ideias binárias de interação sexual. Assim, “essa interação reforça a dinâmica de poder assumida, com o passivo mais propenso a desempenhar um papel de resposta, traduzindo-se em um papel submisso”. Essas interações conversacionais “demonstram as maneiras pelas quais as masculinidades subordinadas, particularmente aquelas transmitidas aos homens gays e bissexuais por meio da socialização de gênero, afirmam o controle por meio do discurso” (Dashiell 2023, p. 20). Isso se mostra através de referências discursivas sutis, tais como o pressuposto de que a função do homem passivo é satisfazer o parceiro ativo.

Não é incomum, na pornografia gay, que situações de controle e autoridade sexual sejam claramente exibidas “em formas de pornografia ‘hardcore’ ou ‘gonzo’, quando um ou mais homens assumem o controle sexual (e realizam agressões sexuais) sobre os que são retratados como indivíduos submissos” (Dashiell 2023, p. 27). Da mesma forma como nos filmes pornográficos heterossexuais, em que as mulheres são comumente retratadas como receptáculos para o pênis e pouca atenção é dada ao prazer feminino, muitos filmes gays também mimetizam essa estrutura narrativa de subserviência por parte do parceiro passivo. Os parceiros ativos assumem papéis estereotípicos de hipermasculinidade e um capital erótico maior.

As três histórias analisadas mimetizam essa estrutura discursiva percebida por Dashiell (2003). Ao retratar Lula como o parceiro penetrativo nas histórias, é atribuído a ele um

capital erótico maior. Isso acontece mesmo na descrição dos personagens: nas três narrativas, Lula é não apenas ativo, mas sedutor e orientado para a ação e incorpora estereótipos hipermasculinos. Em “Lulanaro: um amor sem limites”, diz-se que “Lula, ou Lulindo como chamamos, já virou um símbolo sexual global. Posando para revistas como Playboy ou Veja, sua barriga de chopp virou padrão e agora tanto homens como mulheres sonham em ter”. Por outro lado, em várias cenas, Bolsonaro está “com o pau mole”.

Isso tem, ao menos, dois efeitos de sentido bem demarcados. Em um primeiro aspecto, essas cenas posicionam as narrativas em um espectro político-ideológico. Tal como discutimos anteriormente, as *fanfics slash* de conteúdo político não necessariamente têm como proposta a excitação do leitor, mas sim, se colocam a favor de um posicionamento político – no caso das histórias analisadas, de crítica a Jair Bolsonaro, a partir da ironização de suas falas homofóbicas, em um universo ficcional em que ele é gay. Não obstante isso, em um segundo tipo de efeito de sentido, essa crítica está articulada a um discurso hegemônico (e preconceituoso), muito vinculado a questões problemáticas da masculinidade hegemônica (Connell e Messerschmidt 2013), que justamente visa combater. Ironizar Bolsonaro a partir de uma cena narrativa que coloca o passivo no papel de humilhado não deixa de ser também um discurso homofóbico.

Afinal, como nos lembra Kimmel (1994), a homofobia, como um traço importante das masculinidades hegemônicas, se manifesta menos como o interdito de ter desejo por outro homem e mais como um receio de ser percebido como homossexual pelos pares. O medo é “medo de humilhação” e resulta em um esforço para “manter uma capa viril em tudo o que é feito” (Kimmel 1994, p. 215). Nessas histórias, os conteúdos jocosos “fornecem os princípios formativos” onde “são reproduzidas lógicas simbólicas de manutenção de uma essencialização de masculinidade idealizada, estendendo e atualizando a expressividade e as representações de gênero” (Braga e Carauta 2020, p. 188) de uma masculinidade hegemônica.

É possível observar uma associação de Bolsonaro a um mecanismo de *slut shame* – que não está presente, nas histórias analisadas, nas representações de Lula, muito embora ele também se relacione sexualmente com outros homens nas histórias. É esse aspecto que discutiremos no próximo tópico.

### **Discursos contraditórios e posicionamentos contrademocráticos**

Nas três histórias analisadas, Bolsonaro é retratado como um personagem feminilizado em relação a Lula. E isso se esboça não apenas porque ele é colocado no papel do parceiro passivo nas relações sexuais, mas porque o personagem incorpora uma série de atributos que, estereotipicamente, são atribuídos a mulheres nas histórias de romance: ele se mostra mais apaixonado, mais envolvido emocionalmente e mais carente do que Lula nas representações.

Nas três estórias, Bolsonaro apanha de outros homens. Em uma das cenas de “Lula e Bolsonaro, um amor corrupto”, descreve-se uma cena em que

Lula ainda que surpreso e sem entender nada socou Bolsonaro mais uma vez, o que foi suficiente para que ele fosse à loucura. Bolsonaro não entendia por que dele sentir aquilo pelo seu maior inimigo, mas ele gostava demais daquilo para ficar apenas se questionando e apenas aceitou esse sentimento proibido e aproveitou o momento.

No mesmo conto, Bolsonaro se sente “usado” por Lula, que manteve relações sexuais com ele apenas para se reeleger. Na “Saga Bolsolula” e “Lulanaro: um amor sem limites” muitas cenas retratam Bolsonaro sonhando com o seu amado Lula, em cenas que não são incomuns em uma série de comédias românticas, só que no papel feminino. Embora não haja qualquer tipo de aprofundamento psicológico dos personagens, a submissão sexual de Bolsonaro nas histórias (retratado como parceiro passivo com atributos masoquistas) é reforçado por traços de sua personalidade que são estereotipicamente feminilizados e sensíveis.

Além disso, ao passo que Lula é retratado como confiante de sua própria sexualidade, as três histórias representam Bolsonaro como um sujeito inseguro e encabulado da própria sexualidade, que tenta sempre mantê-la em segredo. Na cena inicial da “Saga Bolsolula” há o seguinte diálogo (feito por telefone), logo depois de ele afirmar, para um dos filhos, que não era gay:

\_ Ai, Lulinha, eu queria segurar a sua pistola... – diz Jair, desmunhecando.

\_ Bolsonaro, eu não estou te entendendo – Lula continua confuso.

\_ Poxa, Lulinha, vamos sair na brotheragem, no sigilo, podemos fazer uma mão amiga... – Jair assume o real interesse.

\_ Olha, Jair, eu não curto muito ficar com homens, ainda mais com homens como você... – Lula desliga o telefone.

Bolsonaro, desapontado e triste, olha pela janela do seu escritório e diz:

\_ Luladrão, você roubou meu coração, agora, como vingança, eu vou roubar e destruir o Brasil, eu vou SER O PRESIDENTE DO BRASIL.

Ainda, nas três estórias, Bolsonaro é alvo de zombaria por sua postura sexual, o que não acontece no caso de Lula, embora ele também se relacione com outros homens. Há, na conduta sexual de Bolsonaro, sempre uma certa vergonha a ser encoberta.

Sobre esse aspecto, em um estudo sobre *deep fake* pornográficas, Maddocks (2020, p. 415) interpreta o fenômeno das narrativas de pornografia política a partir de uma operação discursiva que “silencia o discurso crítico”, a partir de uma reprovação moral implícita na representação de um ato sexual (*slut shame*). O *slut-shaming* (junção de dois termos em inglês: *slut*, gíria para prostituta e *shame*, que significa envergonhar) pode ser traduzido livremente como “colocar a pecha de prostituta em alguém” ou “envergonhar uma vadia”. Nas representações de Bolsonaro, personagem feminilizado nas narrativas, o discurso do *slut shame* parece estar bastante presente a partir de uma condenação implícita a seus atos sexuais e suas investidas amorosas – representados como dignos de escárnio.

Assim como no tópico anterior, aqui, também é possível observar efeitos de sentido problemáticos nas histórias estudadas, na medida em que, para desafiar as falas machistas de Bolsonaro na esfera pública, um discurso abertamente machista (como o *slut-shaming*) é mobilizado nas estórias. A reprodução de sentidos machistas, em estórias cuja proposta é justamente criticar um personagem misógino, pode ser interpretada como um aspecto importante para entendermos como discursos autoritários e conservadores se perpetuam socialmente, ainda que por vias pouco óbvias.

Há, ainda, uma outra questão importante a ser considerada: a que tipo de consumo simbólico da política esses discursos convidam?

Sobre isso, é possível perceber que a representação de Lula, nessas estórias, também não é elogiosa. Em muitos momentos, ele é retratado como um personagem violento, malandro, infiel, ladrão e mau-caráter. Muito embora pareçam estar levemente vinculadas a um ideário de esquerda, em relação ao posicionamento político presente nessas três histórias, é possível observar antes uma ideologia anti-bolsonarista do que propriamente um apoio explícito a Lula ou aos partidos e ideais de esquerda. Este também, em muitas cenas, é colocado como objeto de escárnio, com posturas escandalosas ou ridículas.

Mais do que o apoio explícito a um candidato, parece estar em perspectiva, nessas histórias, um discurso de recusa da política. Elas não propõem o engajamento a uma causa (como o combate a homofobia ou a misoginia), nem o apoio a um partido específico. O objeto de crítica parece estar, aqui, em relação à política em si – é a própria política, afinal, que se torna o objeto de escárnio.

Embora a perspectiva crítica às falas públicas de Bolsonaro seja evidente nas histórias estudadas – a partir de um desafio a um regime semiótico dominante na narrativa cânone e de uma profanação ao *ethos* público dos dois políticos – lembramos que o discurso da antipolítica foi habilmente mobilizado por Bolsonaro (Avritzer 2020) como um recurso eleitoral. O discurso de recusa à própria política, portanto, pode ser considerado um discurso contrademocrático, que alimenta desconfiças em relação às instituições tradicionais.

Em termos de consumo simbólico da política, as histórias estudadas, embora simples e, muitas vezes, mal escritas, apresentam-se como objetos complexos, que articulam discursos contraditórios e muito significativos das articulações políticas contemporâneas. Elas carregam uma série de afetos políticos – muitos deles positivos, em termos de crítica e de recusa a discursos machistas, homofóbicos e autoritários -, mas que também possui traços problemáticos ao utilizar, na crítica, os mesmos elementos que busca subverter ou desaprovar.

## CONCLUSÕES

Conforme esmiuçamos ao longo do artigo, muitos autores apontaram a importância das narrativas de fã-ficção na articulação de afetos políticos (Mcmanus 2020; Kosnik 2017; Winter 2020; Reinhard et alii 2022; Carrascoza 2020). Elas se tornaram importantes instâncias midiáticas a partir da qual os valores simbólicos da política são consumidos e, com isso, articulam campos ideológicos de discussão pública que não devem ser ignorados.

A análise realizada dos três contos que imaginam narrativas eróticas entre Lula e Bolsonaro parece corroborar essa interpretação, ao trazer elementos significativos de como alguns discursos autoritários ou contrademocráticos podem ser reproduzidos socialmente, ainda que sob um verniz de crítica, rebeldia ou profanação. Nesse aspecto, é importante considerar que os discursos autoritários nem sempre se reproduzem nos lugares mais óbvios. Muitas vezes, eles estão articulados a perspectivas que se colocam, abertamente, a partir de discursos que propõem desafios a regimes semióticos dominantes que corroboram, justamente, aquilo que pretendem reprovar, como parece ser o caso das estórias estudadas.

## FINANCIAMENTO

A presente pesquisa é financiada por Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio, 2006. *A linguagem e a Morte*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- AGAMBEN, Giorgio, 2007. *Profanações*. São Paulo: Boitempo.
- AMARAL, Adriana et alii, 2015. De westeros no #vemprarua à shippagem do beijo gay na TV brasileira. Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital. *Galáxia* [em linha]. 2015. vol. 1, no. 29, p. 141-154.
- AVRITZER, Leonardo, 2020. *Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia.
- BRAGA, Adriana, CARAUTA, Alexandre, 2020. Futebol, gênero e homossociabilidade nas redes sociais: a masculinidade no circuito comunicacional do WhatsApp. *Revista Intercom* [em linha]. 2015. vol. 43, no. 1, p. 165-190.
- CARRASCOZA, João Anzanello, 2020. Lógicas da produção literária e o aprendizado do consumo. *Alaïc* [em linha]. 2020. vol. 19, no. 33, p. 219-228.
- CHARAUDEAU, Patrick, 2006. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto.
- CONNELL, Robert W.; MESSERCHMIDT, James W., 2013. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas* [em linha]. 2013. vol. 21, no. 1 p. 241-282.

- DASHIEL, Steven, 2023. You feel that? Examining gay porn discourse as hegemonic discursive soundtrack. *Porn Studies* [em linha]. 2023. vol. 10, no. 1, p. 20-32.
- GARRIDO, Beatriz, LIMA, Elizabeth, 2020. De fanáticos a protagonistas: a escrita de fã na subcultura Real Person Fic. *Philologus* [em linha]. 2020. Ano 26, no. 78, p. 1296-1308.
- HAMON, Philippe, 1976. Para um estatuto semiológico da personagem. Em: GURYON, Françoise van Rossum. *Categorias da Narrativa*. Lisboa: Arcadia.
- KIMMEL, M., 1994. Masculinity as Homophobia: Fear, Shame, and Silence in the Construction of Gender identity. Em: BROD, H.; KAUFMAN, M. (org.). *Theorizing Masculinities*. New York: Sage Books.
- KOSNIK, Abigail de, 2017. Memory, archive and History in Political Fan Fiction. Em: GRAY, Jonathan et alii (eds.). *Fandom: identities and communities in a mediated world*. New York: New York University Press.
- MAINGUENEAU, Dominique, 2005. *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar Edições.
- MADDOCKS, Sophie, 2020. A Deepfake Porn Plot Intended to Silence Me: exploring continuities between pornographic and ‘political’ deep fakes. *Porn Studies* [em linha]. 2020. vol. 7, no. 4, p. 415-423.
- MCMANUS, Kate, 2020. Hidden transcripts and public resistance. *Transformative Works and Cultures* [em linha]. 2020. vol. 32, no. 1, s.p.
- PIPER, Melaine, 2015. Real body, fake person: Recontextualizing celebrity bodies in fandom and film. *Transformative Works and Cultures* [em linha]. 2020. vol. 20, no. 1, s.p.
- RAJAGOPALAN, Sudha, 2015. Slash fandom, sociability, and sexual politics in Putin's Russia. *Transformative Works and Cultures* [em linha]. 2020. vol. 19, no. 1, s.p.
- REINHARDT, Carrye Lyn et alii, 2022. Fans of Q: The Stakes of QAnon's Functioning as Political Fandom. *American Behavioral Scientist* [em linha]. 2022. vol. 66, no. 8, p. 1152-1172.
- ROWLEY, Alison, 2017. Trump and Putin sittin' in a tree: material culture, slash and the pornographication of the 2016 US presidential election. *Porn Studies* [em linha]. 2017. vol. 4, no. 4, p. 381-405.
- WINTER, Rachel, 2020. Fanon Bernie Sanders: Political real person fan fiction and the construction of a candidate. *Transformative Works and Cultures* [em linha]. 2020. vol. 32, no. 1, s.p.